



SINTAXE E AUTOCORREÇÃO - UM ESTUDO COMPARATIVO
(SYNTAX AND SELF-CORRECTION – A COMPARATIVE STUDY)

Sumiko Nishitani Ikeda (*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*)

ABSTRACT: *This work studies the relationships between repair and syntax. Based on a cross-linguistic study by Fox et al (1996) for English and Japanese, we examine repair in Portuguese.*

KEYWORDS: *Syntax; - Repair; - Cross-linguistic study*

No presente estudo, examinamos a autocorreção entre línguas de sintaxes diferentes. Baseamo-nos no estudo de Fox et al (1996), envolvendo o inglês e o japonês, para enfocarmos a questão no português.

A organização sintática de diferentes línguas pode afetar as atividades interacionais. Podemos encontrar aqui uma profunda relação entre interação e gramática: a essência da interação pode ser o local das atividades da gramática de uma língua. Aqueles que se interessam pela gramática não podem evitar as funções interacionais e nem ignorar que a sintaxe evoluiu para servir a elas. Tal fato clama por testagens empíricas em uma grande variedade de línguas. A gramática não é apenas um recurso para a interação e nem um resultado da interação, ela é parte da essência da própria interação. Ou, em outras palavras, a gramática é inerentemente interacional. (Schegloff et al 1996)

*Repair*¹ (para nós, autocorreção²) é o termo utilizado por Schegloff, Sacks e Jefferson (1977) e se refere a correções na conversa (que fazemos a nós mesmos ou aos parceiros) e que podem ser de caráter sintático, lexical, fonético, semântico ou pragmático. O falante, sem saber como continuar a fala, ou porque selecionou mal um item lexical, ou porque está indeciso nessa seleção, lança mão de um mecanismo que bloqueia a construção iniciada. A sintaxe, ao menos a sintaxe-da-conversa, deve incluir o exame do mecanismo da autocorreção em seus estudos.

Schegloff (1979) mostra que pressões estruturais decorrentes da organização do discurso, tais como a 'tomada-de-turno' e a 'organização seqüencial', fazem concentrar as autocorreções no turno daquele que é corrigido e, dentro desse turno, na mesma

¹ Segundo Schegloff et al (1977), a autocorreção não se limita a correção de erros. Há muitas instâncias em que não ocorrem erros (na verdade a razão para a autocorreção não é óbvia):

Ex.: M: I don't know but it's- * it's gonna cost quite a bit

Em alguns casos, o enunciado sob construção projetado é abortado, e se começa uma nova organização sintática, sem por isso envolver uma substituição:

Ex.: H: and I haf- * (.) my class starts at two:

² Termo usado em Marcuschi, L.A. (1986) *Análise da Conversação*. Editora Ática (p.28) e em Preti, D. e Urbano, H. (orgs.) (1990) . *A Linguagem Culta na Cidade de São Paulo* vol.IV. T.A.Queiroz, Edit./FAPESP.



sentença (ou em outro TCU³); além disso, os fenômenos de autocorreção que ocorrem em sentenças são ordenados e passíveis de descrição.

Fox e Jasperson (1995, que veio a público depois do livro de Ochs et al, de 1996) mostram que a autocorreção na conversa em inglês está fortemente organizada de acordo com os constituintes sintáticos. Os falantes, ao se autocorrigirem, não voltam aleatoriamente para qualquer palavra ou constituinte sintático do enunciado: ou eles voltam para o início da palavra dentro do SN ou para o início da oração em construção quando a autocorreção ocorreu, mas nunca para uma palavra num SN ou oração anteriores aos daqueles em construção:

- 1.H: ... *if you have just the common dena-* denominator here*
(volta para o início da palavra)
2. M: ...*because I don't-* I don't really hh encounter that concept problem*
(volta para o início da oração excluindo a conjunção)
3. K: *Okay, let's see if- before I go and look at the solution it I can*
C: *Mhm*
K: *follo-* if I can break if out here*
(volta para o início da oração incluindo a conjunção)

Fox et al (1996) consideram esses exemplos como fortes indicativos da interdependência entre autocorreção e sintaxe. Segundo eles, se a autocorreção e a sintaxe são interdependentes, então a organização da autocorreção deve ser diferente para falantes com práticas sintáticas⁴ diferentes. Isto é, se a autocorreção representa uma coletânea de estratégias para responder a pressões interacionais, e se as línguas consistem em diferentes práticas sintáticas⁵ no tratamento dessas pressões, então seus procedimentos para a autocorreção serão decorrentes dessas práticas, e a autocorreção refletirá a organização dessas práticas sintáticas em geral.

Embora a autocorreção tenha sido foco de muitos estudos na análise da conversação e áreas relacionadas, desde a década de sessenta, o funcionamento da autocorreção em línguas que possuem sistemas sintáticos diferentes não tem sido objeto de muito interesse. Por isso, Fox et al (1996) estudam a autocorreção, comparando a sintaxe da língua inglesa e da japonesa em três casos: a) autocorreção morfológica; b) adiamento do item seguinte e c) reciclagem e sugerem que estudos semelhantes em outras línguas poderiam apontar dados de interesse para a relação sintaxe e interação. É o que tentamos fazer neste trabalho, em relação ao português.

Para facilitar a comparação, apresentamos os nossos resultados logo após os de Fox et al, em cada um dos três casos estudados por eles.

³ TCU (*turn-constructural unit*) : palavra, frase, oração ou sentença que pode constituir um turno completo (a transição de falante após um TCU pode ou não ocorrer (caso de multi-TCU quando alguém conta uma história).

⁴ Em vez de 'construção sintática' porque Fox et al vêem a língua como fazendo e não representando algo e também porque estão interessados na 'performance' e não na 'competence'.

⁵ Ou fonológicas.



1. Autocorreção morfológica no inglês e no japonês

Este tipo de autocorreção só ocorre na língua japonesa. Consideremos o exemplo seguinte:

4. K: *ja nanji goro ni kurida[shi-*] soo?*
então a que horas cerca OBL ir embora
(Então a que horas (iria) vamos embora?)

Neste exemplo, o falante K substitui apenas o sufixo do verbo por um outro. Ele produz *kurida-shi* com o sufixo 'adverbial' *-shi*, (que seria seguido por certos auxiliares e/ou partículas), mas autocorrigi com o 'cohortativo' *-soo*. Não se encontrou nos dados em inglês nenhum exemplo deste tipo (seria algo como fazer uma autocorreção do tipo: *She look[ed]-* s at the table*).

Os autores acreditam que essa diferença na autocorreção possa ser atribuída às diferenças entre as morfologias verbais do inglês e do japonês:

- estrutura sonora do sufixo: *-su* é uma sílaba completa, enquanto que *-ed*, embora escrita com duas letras, é pronunciada como um único som[t] ou [d]; *-s* é claramente uma consoante;
- relação forma-conteúdo: o japonês é uma língua aglutinante, o que significa que cada morfema tem um significado gramatical. O inglês é fusional, o que significa que cada morfema pode envolver vários significados;
- no japonês, o sufixo não é marcador de concordância, isto é, ele não sinaliza nada a respeito do sujeito, ao contrário do inglês. No inglês o sufixo verbal refere-se a um elemento anterior, o que não ocorre no japonês.

Esses três fatos podem sugerir que o sufixo verbal inglês seja mais intimamente ligado ao verbo do que o sufixo verbal japonês, e, portanto, seja menos acessível para substituição individual do que o sufixo japonês.

Autocorreção morfológica em português

Como era de se esperar, não foram encontrados no português exemplos de autocorreção morfológica.

2. Adiantamento do item seguinte no inglês e no japonês

Tanto o inglês quanto o japonês dispõem de recursos para o adiantamento da produção de item lexical⁶.

Contudo, é possível que as diferenças sintáticas entre as duas línguas possam estar implicadas na diferença nos procedimentos de adiantamento da produção do substantivo. Consideremos alguns exemplos no inglês:

5. *M: on the back of his pickup truck [with a,*] with a jack.*
6. *B: are you going here [for an-*] for an In:dian class by any chance.*

⁶ Como os preenchedores (*filllers*).



O falante repete a preposição e o artigo adiando a produção do nome⁷. Os falantes japoneses não se utilizam desse recurso. A razão para isso parece estar no fato de que, ao contrário do inglês, em que a preposição e artigo precedem o nome, no japonês, não há material não-lexical antes de um nome, já que as partículas de caso são pospostas ao nome (e o japonês não possui artigos). Os japoneses usam outras práticas para adiar a produção do item seguinte:

7. I: *jaa honyasan no mae no sa: h ano: nanka: moyooshi: no:*
então livraria frente GEN PF* um **algo** divertido GEN (*partícula final)
(Então na frente da livraria, uhm **algo** divertido)
8. M: *hh maa sonna::: are ga::: (1.5) u:: meedosan ga iru yooona; ie*
como **aquela** SUBJ uhm empregada SUBJ há tal casa
(... porque, não somos do tipo de família que tem **aquela**, uhm uma empregada,)

Nesse caso, o falante usa um procedimento que envolve: um pronome demonstrativo (*are* = aquela) e uma partícula de caso (*ga*), seguido pelo nome adiado⁸.

Adiamento do item seguinte no português

A diferença entre o inglês e o português neste item é que o português pode combinar a preposição e o artigo, ao contrário do inglês que os tem separados.

- L1: *proporcional à extensão do* ... do vôo*
L1: *foram feitos através do* ... do* ... do ônibus interestadual*

O português tem também esses elementos separados, como no inglês:

- L1: *para os*:: para os bailes ...*
L1: *reunião qualquer sem o*::... sem o colete ...*

Por outro lado, o processo de adiamento em português acaba envolvendo a questão da concordância de gênero e número do artigo definido, fator inexistente no inglês; o japonês não possui esse artigo. Assim sendo, o falante do português, enfrenta problemas na escolha correta da flexão de gênero e de número:

- L1: *ali era o ali tinha um tinha tinha o*::...a drogaria*
L1: *três es/ vão para o colégio e dois vão para uma* ... um cursinho*
Inf.: *agora não comer:: as*:: a*:: as mesmas nem*

Esse problema se reflete nas combinações entre preposição e artigo definido envolvidos na autocorreção de adiamento:

⁷ Este procedimento pode indicar a procura de uma palavra, um pedido do olhar do ouvinte, ou uma tentativa de controle da sobreposição da fala.

⁸ Place holder.



a) Flexão de gênero:

L2: *mes::mo na* na:: no:::... avião*

L1: *a respeito do*:: da Fonética não é?*

L1: *quando mandavam alguns pro* alguma pra* algum soldado para espantar*

Inf.: *dá uma f::ervura nas*:::... em todos::*

Ou separado em locução prepositiva:

Inf.: *então eu só faço com... com a* ... o lombo de porco*

b) Flexão de número:

L1: *eu já enfoquei na* nas minhas crônicas*

L1: *e:: nos* no no no:: nos nos assustados nos BAlles nos assustados não*

Além desses casos, encontramos as seguintes autocorreções:

Inf.: *não como quase em casa ... éh:: neste*:: nesse horário ...*

L2: *como de compras ... tudo* ... de toda todas as medidas a serem tomadas ...*

3. Reciclagem no inglês e no japonês

Veja os seguintes casos de reciclagem do inglês:

9. B: *in this building- we finally got [a-*] hhh a roo:m today in- in the leh- a,*

Em (9), ao reciclar, o falante repete apenas a parte do SN que já produziu: o artigo indefinido.

10. K: *Plus once [he got- (0.8) some*] um (1:3) he got some battery acid on: (0.2) on*

Em (10), ele recicla a oração inteira.

(11) M: *...because [I don't-*] I don't really .hh encounter that concept problem (0.3)*

Esses padrões ocorrem para todos os constituintes, incluindo SV e SP. Em comparação, o japonês nunca faz reciclagem de oração, mas só de SN; de SV apenas no caso que envolve o objeto direto.

12. M: *tteyuuka koko denwa v [kaket-*] kakete kite sa,*

quero dizer aqui telefonaram para cá PF

Quero dizer (eles) telefonaram para cá.

13. M: *sorede sa, ne [atashi wa-*] atashi wa sa, sokode sa, koitsura*

então PF eu TOP eu TOP PF daí PF esses rapazes

Na maioria das abordagens da sintaxe, incluindo a 'sintaxe funcional', a relação entre verbo e seu sujeito e objeto (caso haja) cria a organização básica da oração. O japonês tende a omitir o S, O e mesmo o V, o que acarreta uma organização sintática



mais frouxa do que aquelas línguas que requerem a expressão desses elementos básicos. Considere as omissões no exemplo seguinte:

14. i. Rosa wa dare o matte iru no desu ka? (A Rosa está esperando quem?)
- ii. Mary o matte iru no desu. (φ esperar Mary.)
- iii. Yuushoku ni shootai shita no desu. (φ convidar φ jantar.)

É possível que esses fatores sintáticos afetem a autocorreção porque eles envolvem um aspecto crucial dos mecanismos de tomada de turno dessas duas línguas, ou seja, a *projeção*. O início das tomadas de turno no japonês tende a não ter elementos que *projetem sintaticamente* a possível organização do que virá a seguir. Já o inglês permite essa projeção devido à sua organização sintática sólida. O inglês seria uma língua orientada para- o-início, em contraste com o japonês. Daí os falantes do inglês poderem voltar para o sujeito na reciclagem: o sujeito é um elemento de coerência sintática e interacional. Em japonês, ao contrário, a projeção é feita pouco a pouco.

Reciclagem no português

O português, da mesma forma que o inglês, tem uma sintaxe sólida e por isso apresenta reciclagem de SN, SP, SV e de oração.

L2: *então nós [estamos pensando ...] estamos pensando não ofic/oficialmente*

L1: *[só tem preto ...] só tem preto e bicha né?*

L1: *a não ser [um baile de]::... um baile::... de recepção*

Encontramos também reciclagem de verbo com acréscimo ou substituição do sujeito expresso anteriormente à autocorreção do verbo:

L2: *nenhuma tarde para mim porque [a gente acumula] quem trabalha fora acumula*

L1: *mas... [tem ativi] os que ficam em casa têm atividades extras*

L1: *não se usava botinhas ... [usavam] as moças usavam sapatos ...*

Inf.: *mistura tudo ... e [deixa... tomar o o]... deixa que o feijão tome o gosto*

Se é verdade que a interação e a sintaxe não são separáveis, pode-se pensar a sintaxe como uma 'hermenêutica para interpretação' (Tyler), e a interação como a ocasião para essa interpretação. Esta visão da sintaxe remodela as áreas acadêmicas da análise da conversação e da análise sintática como sendo essencialmente o mesmo empreendimento, com diferenças de foco é claro, dependendo do interesse do analista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOX, B. and R. JASPERSON. (1995) A syntactic exploration of repair in English conversation. In P. Davis (ed.) *Descriptive and Theoretical Modes in the Alternativa Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins.



- FOX, Barbara A., Makoto HAYASHI & Robert JASPERSON (1996) Resources and repair: a cross-linguistic study of syntax and repair. In Ochs, Elinor, Emanuel A. Schegloff & Sandra A. Thompson *Interaction and Grammar*. Cambridge Univ. Press.
- MARCUSCHI, L.A. (1986) *Análise da Conversação*. Editora Ática .
- PRETI, D. e H. URBANO. (orgs.) (1990) . *A Linguagem Culta na Cidade de São Paulo* vol.IV. T.A. Queiroz, Edit./FAPESP.
- SCHEGLOFF, Emanuel A. (1979) The Relevance of Repair to Syntax-for-Conversation. In T.GIVÓN (ed.) *Syntax and Semantics, vol.12 Discourse and Syntax*. Academic Press.
- SCHEGLOFF, E.A., OCHS, E. & THOMPSON, S.A. (1996) In: Ochs, E., Emanuel A. Schegloff & Sandra A. Thompson *Interaction and Grammar*. Cambridge Univ. Press.